

CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

SOTERIOLOGIA

Entendendo o projeto, a execução e os elementos do processo salvífico.

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

SOTERIOLOGIA

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-010-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON10

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **SOTERIOLOGIA.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 138 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 -	SOBRE A DOCTRINA DA SALVAÇÃO	7
2 -	O DESÍGNIO DA SALVAÇÃO	10
3 -	A CAUSA DA SALVAÇÃO (EF 3.1-6)	13
3.1.	DEUS (APOC 1:8)	13
3.2.	O BOM PRAZER DA SUA VONTADE (EFÉS. 1:11)	13
3.3.	A SUA PRESCIÊNCIA (I PEDRO 1:2)	14
3.4.	A SOBERANIA DE DEUS (EFÉS. 1:11)	16
3.5.	A NATUREZA DA SALVAÇÃO.....	17
4 -	OS NECESSITADOS DA SALVAÇÃO	19
5 -	A ESCOLHA DE DEUS NA SALVAÇÃO	26
5.1.	O SIGNIFICADO DAS PALAVRAS “ELEITO” E “ESCOLHA”	26
5.2.	A NATUREZA DA ELEIÇÃO.....	27
5.3.	A ELEIÇÃO E A PROIBIÇÃO DE FAZER ACEPÇÃO DE PESSOAS	33
5.4.	O TEMPO DA ELEIÇÃO	34
5.5.	A BASE DA ELEIÇÃO – O AMOR DE DEUS	35
5.6.	OS REPROVADOS – OU NÃO ELEITOS.....	37
5.7.	O PROVEITO EM ESTUDAR E PREGAR A ELEIÇÃO	39
6 -	O PREÇO PAGO NA SALVAÇÃO	42
6.1.	A CAUSA DO PREÇO A SER PAGO.....	43
6.2.	O PREÇO PAGO PELO PECADO	47
6.3.	POR QUEM ESTE PREÇO FOI PAGO.....	49
6.4.	OBJEÇÕES.....	51
6.5.	O EFEITO DO PREÇO PAGO.....	53
7 -	A CHAMADA DA SALVAÇÃO	56
7.1.	DEUS USA MEIOS PARA CUMPRIR A SUA VONTADE	56
7.2.	OS MEIOS INTERNOS OU A CHAMADA INTERNA	57
7.3.	A OBRA DO ESPÍRITO SANTO	60
7.4.	A EFICÁCIA DA CHAMADA À SALVAÇÃO.....	69
8 -	A SALVAÇÃO REALIZADA	72
8.1.	A MANIFESTAÇÃO DA CONVERSÃO	75
9 -	O EFEITO PRÁTICO DA SALVAÇÃO	103
9.1.	DEFINIÇÃO DE PERSEVERANÇA	104
9.2.	A PRESERVAÇÃO PROMETIDA	105
9.3.	A PRESERVAÇÃO EFETUADA	106
9.4.	AS BASES DA PRESERVAÇÃO DO CRISTÃO	124
10 -	UM RESUMO DA DOCTRINA DA SALVAÇÃO (HB 10:5-7)	133

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



**AULA
01**

1 - SOBRE A DOCTRINA DA SALVAÇÃO

A doutrina da salvação, na maioria das igrejas e centros de crença existentes hoje, é nebulosa ou, nos casos piores, contraditória. A confusão que existe sobre esta doutrina é tremenda. Tal confusão pode vir por ela tratar muitos tópicos em uma ordem que as vezes é difícil de seguir. Mesmo que o assunto contém aspetos que são impossíveis de entender por completo, convém um estudo sobre este vasto assunto que quase todos os livros da Bíblia tratam. O termo teológico deste assunto é soteriologia. Essa doutrina abrange as doutrinas da reprovação, a eleição, a providência, a regeneração, a conversão, a justificação e a santificação entre outras. Também envolve a necessidade de pregação, de arrependimento e de fé. Inclui até as boas obras e a perseverança dos santos. A salvação não é uma doutrina fácil de entender pelo homem. É uma atividade divina em que participam as três pessoas da trindade agindo no homem. Por ela tratar da obra de Deus que resulta no eterno bem do homem para a glória de Deus somos incentivados a avançar neste assunto com temor e oração para entendê-la na forma que é do agrado de Deus.

"Soteriologia" deriva de duas palavras gregas, soteria e logos. A primeira significa "salvação" e a última, "palavra, discurso ou doutrina". Depois de ter tratado da doutrina da teologia, onde enfatizamos a santidade de Deus, e tendo visto o fracasso e o pecado da humanidade no estudo da antropologia e hamartologia, somos obrigados a compreender a absoluta necessidade de um plano de salvação suficiente para cobrir o imenso abismo entre estes dois extremos infinitos, a pecaminosidade do homem e a santidade de Deus.

Felizmente, para todos os interessados, Deus previu tudo o que teria lugar na queda do homem e planejou exatamente a salvação necessária antes da fundação da terra. Antes do primeiro pecado cometido no universo, antes da terrível crise provocada pelo homem rebelde, que fora feito à imagem de Deus, o Senhor planejou e proveu um meio de fuga das armadilhas e condenação do pecado. Nosso Deus não foi apanhado de surpresa. Ele previu a queda e pré-ordenou o plano de resgate.

O plano da salvação de Deus é tão simples que o menor dentre os filhos dos homens pode entendê-lo o bastante para experimentar o seu poder transformador. Ao mesmo tempo, é tão profundo que nenhuma imperfeição jamais foi descoberta nele. De fato, os que o conhecem melhor ficam continuamente Espantados com a idéia de que um e apenas um plano de salvação seja necessário para satisfazer as inúmeras carências espirituais em meio às variações quase ilimitadas das necessidades dos homens em cada raça, cultura e situação entre as nações deste mundo.

O ponto nevrálgico do plano da salvação de Deus se concentra no cargo e função de um mediador - alguém que pudesse colocar-se entre um Deus ofendido e uma criatura pecadora e sem esperança, o homem. só sentiu a necessidade de alguém assim quando se

encontrou (pelo menos é o que pensava) afastado de Deus. "Porque ele não é homem, como eu, a quem eu responda, vindo juntamente a juízo. Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos" (Jó 9:32,33).

Esta é a posição que Cristo veio preencher em seu sacrifício substitutivo. "Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (1 Tm 2:5).

Esta é a razão para a encarnação da segunda pessoa da divindade; a fim de ser o mediador para Deus, Ele deve ser Deus; a fim de representar a humanidade, Ele deve ser homem. A penalidade pelos pecados humanos, que precisa ser cancelada caso o homem deva ter comunhão com Deus, era a morte. Mas em vista de Deus não poder morrer - o espírito não pode morrer - Ele precisa ter um corpo, portanto, "o Verbo se fez carne, e habitou entre nós" Jo1:14). Note igualmente as seguintes explicações ampliadas:

"Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida. Pois ele, evidentemente, não socorre a anjos, mas socorre a descendência de Abraão. Por isso mesmo convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus, e para fazer propiciação pelos pecados do povo" (Hb 2:14-17).

Tudo isto se tornou possível mediante a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo Jesus.

No estudo da doutrina da salvação teremos dois títulos:

1. As provisões feitas: incluindo morte, sepultamento, ressurreição, ascensão e exaltação de Jesus Cristo; e
2. A aplicação dessas provisões: incluindo arrependimento, fé, justificação, regeneração, adoção, santificação, confiança e segurança.



AULA
02

2 - O DESÍGNIO DA SALVAÇÃO

Pela eternidade passada e pela eternidade futura Deus deseja receber toda a glória de tudo que Ele faz (Êx. 34:14; Isa 42:8; 48:11; Rom. 11:36; I Cor 10:31). Na realidade a ninguém outro, senão a Deus o Todo Poderoso, é devido toda a glória nos céus e na terra. A glória de Deus é a prática dos seres celestiais agora (Sal 103:20; Isa 6:1-3) e para todo o sempre (Apoc 4:11; 5:12). Essa glória não vem de uma necessidade de Deus pois Ele não necessita de nenhuma coisa (Atos 17:25) mas é simplesmente um desejo e direito particular (I Cor 1:26-31; Efés. 2:8-10).

A obediência é abençoada gloriosamente pois ela glorifica Deus (Rom. 4:20,21). A obediência desejada é entendida tanto antes do pecado (Gên. 2:16,17) quanto depois (Deut. 10:12,13). Pela obediência da Sua Palavra, Deus é glorificado. Essa observação contínua é o dever de todo o homem (Ecl 12:13).

A desobediência da lei de Deus é pecado (I João 3:4; 5:17) e é o que provoca a separação eterna da presença de Deus (Gên. 2:17; Rom. 6:23). O pecado é uma abominação tamanha justamente por não intentar dar glória a Deus (Núm. 20:12,13; 27:14; Deut. 32:51). O pecado é iniquidade a Deus e em nenhuma maneira glorioso.

Desde o começo da Sua operação com os homens, Deus requer uma obediência explícita. Essa obediência desejada tem o fim de O glorificar. A maldição no jardim do Éden (Gên. 3:14-19, 22-24) foi expressada por causa do homem não colocar o desejo de Deus em primeiro lugar (Gên. 2:17; 3:6). A destruição da terra pela água nos dias de Noé (Gên. 6:5-7) foi anunciada sobre todos os homens por eles servirem a carne e, nisso, não glorificaram a Deus (Mat. 24:38). A história bíblica mostra o povo de Deus sendo castigado repetidas vezes, um castigo que continua até hoje, por uma razão maior: adorar outros deuses (Jer 44:1-10). A condição natural do homem é abominável diante de Deus justamente por ele não ter o temor de Deus diante de seus olhos (Rom. 3:18). A condenação final do homem ímpio será simplesmente por causa do homem não ter Deus nas suas cogitações (Sal 10:4), desprezar toda a Sua repreensão (Próv. 1:30) e por não se arrependem para dar glória a Deus (Apoc 16:9). Foi dado outro tanto de tormento e pranto à Babilônia por causas de glorificar a si (Apoc 18:7). Deus nunca dará a glória devida a Ele a outro (Isa 42:8). Ao Deus da glória (Atos 7:2), o Pai da glória (Efés. 1:17) é devida toda a glória para todo o sempre (Fil. 4:20; I Tim 1:17).

Quando chegarmos ao assunto da salvação não podemos procurar de modificar o desígnio eterno de Deus. Na doutrina da salvação Deus não está procurando dar uma glória ao homem. Pela salvação tratar dos seres humanos e o estado eterno deles não quer dizer que Deus não deseja receber a glória deste tratamento.

A salvação tem o propósito de trazer glória eternamente a Deus, e, essa glória na salvação, é por Jesus Cristo para todo o sempre (Rom. 16:27; II Cor 4:6; I Pedro 5:10). Pelo decorrer deste estudo entenderemos melhor como cada fase da salvação exalta Cristo desde a eleição que foi feita em Cristo (Efés. 1:3,4) à santificação que traz os eleitos a serem semelhantes a Cristo (I João 3:2). Cristo é a semente incorruptível pela qual os salvos são gerados de novo (I Pedro 1:23-25). Cristo é o caminho sem o qual ninguém vai a Deus (João 14:6). Cristo é a verdade em qual o pecador deve crer para ser salvo (João 3:35,36). É a imagem de Cristo a qual os salvos são transformados (Rom. 8:29) e por Cristo os salvos são conservados (Judas 1). Os frutos de justiça, são por Jesus Cristo, e, por isso, para a glória e louvor de Deus (Fil. 1:11). Não existe uma operação sequer na salvação que não glorifica Deus pelo Filho unigênito. Não deve ser segredo, tanto na realização da salvação quanto na condenação dos pecadores, Deus é, e sempre será, eternamente glorificado por Cristo (João 5:23; 12:48; II Cor 2:15,16; Fil. 2:5-11).

Existem muitos erros nas crenças de muitas igrejas e crentes já neste ponto inicial sobre o propósito da salvação. Muitos querem colocar as bênçãos que o homem recebe pela salvação como sendo os objetivos divinos na salvação. Mesmo que é uma verdade que a criação nova feita na salvação é maior e mais gloriosa do que a primeira criação relatada em Gênesis; mesmo que é verdade que a salvação é de uma condenação horrível; mesmo que é verdade que pela obra de Cristo na salvação Satanás é vencido e, mesmo que pela salvação moradas celestiais estão sendo feitas no céu, todas estas verdades são *resultados* da salvação e não as causas dela. Muitos confundem o eterno lar, o fruto do Espírito Santo, a vida cristã diante do mundo ou a igreja cheia de alegria como os desígnios da salvação. Mas, o estado final da salvação não deve ser confuso com o objetivo dela, nem os efeitos com as causas. Deus não tem propósito de dar a sua glória ao outro, inanimado, animado ou mesmo um salvo, mas, somente a Ele (Isa 42:8). Como em tudo demais que Deus faz, a salvação centra em Deus e em sua glória e não nos benefícios do homem. Os efeitos que a salvação produz não são as causas da salvação ser programada por Deus.

Se, em nosso entendimento desta maravilhosa doutrina da salvação, a ênfase for colocada em qualquer maneira nas bênçãos que o homem recebe e não na glória de Deus, o nosso entendimento é falho neste respeito e devemos buscar as bênçãos de Deus para que Ele nos endireite para adorarmos a Ele como Ele deseja, em espírito e em verdade (João 4:24).



AULA
03

3 - A CAUSA DA SALVAÇÃO (EF 3.1-6)

3.1. Deus (Apoc 1:8)

A salvação começa com Deus, e isso, “antes da fundação do mundo” (Efés. 1:3,4; II Tess 2:13; Apoc 13:8). Por causa de não existir no princípio um homem sequer, junto com a sua vontade, nem o ministério dos anjos ou a pregação da Palavra de Deus - a salvação começou com o que era no princípio: Deus (Gên. 1:1). Deus é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim (Apoc 1:8, 11). Deus é a primeira causa de tudo, um conceito reservado para o divino (Rom. 11:36). Por quê? “Ó Pai, porque assim te aprouve.” (Luc 10:21).

Entendendo a situação deplorável do homem (Gên. 6:5; Rom. 3:10-18) podemos entender que a fé em Cristo é “obra de Deus” (João 6:29). É necessário lembrar-nos que o assunto deste estudo é a salvação e não a condenação. Os condenados pela justiça santa de Deus só podem culpar a sua própria cegueira espiritual e amor pelo pecado. Nunca podem responsabilizar a Deus pela condenação (Ecl 7:29). Os salvos, de outra maneira, somente têm Deus para louvar pela salvação (II Tess 2:13).

3.2. O Bom Prazer da Sua Vontade (Efés. 1:11)

A vontade de Deus é a expressão do prazer de Deus. A vontade de Deus não pode ser diferente da Sua natureza, portanto, ela é soberana (não influenciada pelas forças terceiras), santa (pura, imaculada, inocente), poderosa (Ele pode desejar o que Ele deve) e imutável (nada pode impedi-la ou muda-la).

É a Sua vontade que motiva as Suas ações (Efés. 1:11, “faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade”). Na esfera dos Deuses o verdadeiro Deus se destaca, pois, somente Ele faz “tudo o *que lhe apraz*” (Sal 115:3). O que foi criado, nos mares e em todos os abismos, é atribuído a ser criado por que Deus quis (Sal 135:6, “tudo o que o SENHOR *quis*, fez”). A eleição em Cristo que foi programada antes da fundação do mundo e a predestinação para os Seus serem filhos de adoção por Jesus Cristo são tidos como sendo “segundo o beneplácito de Sua vontade” (Efés. 1:4,5); “segundo o *seu próprio propósito* e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos” (II Tim 1:9). Tudo o que é envolvido no assunto da salvação é “segundo a Sua vontade” (Tiago 1:18). Deve ser notado que o amor e a graça de Deus fazem parte de Deus e conseqüentemente a salvação, mas não serão tratados como causas da salvação em particular pois podem ser considerados melhor num estudo detalhadamente sobre a própria vontade de Deus.

É lógico que seja a vontade de Deus uma causa da salvação pois a vontade de Deus é uma parte essencial da sua natureza expressando-a e sendo tudo que Deus é. “Falhamos em entender a origem de qualquer coisa quando não voltamos à vontade soberana de

Deus” (Pink, *The Atonement*, p. 22). Se Deus é antes de todas as coisas (Col. 1:17), a sua vontade é também antes de tudo que existe e acontece. Aquele que sucede e é efetuado no mundo é o que o SENHOR dos Exércitos pensou e determinou (Isa 14:24, “O SENHOR dos Exércitos jurou, dizendo: Como *pensei*, assim sucederá, e como *determinei*, assim se efetuará”). Muito além de a Sua vontade ser um tormento, é confortadora. Deus fazendo as Suas obras conforme o bom prazer da Sua vontade conforta o santo na sua tribulação. O servo Jó confiou na vontade de Deus na sua tristeza e foi confortado (Jó 23:13, “O que a Sua alma quiser, isso fará”). A mesma vontade que nos salva é aquela que garante-nos o aperfeiçoamento da salvação até o momento que estamos na presença do Salvador no céu (João 6:39,40). Tal conhecimento da vontade de Deus traz paz ao salvo.

Tudo que Cristo precisava fazer pessoalmente para efetuar a salvação foi em submisso à vontade de Deus (Heb 10:7; Mat. 26:39). Tudo que os outros fizeram com Jesus durante o Seu tempo na terra, sim, até a traição de Judas, o julgamento injusto e a crucificação vergonhosa foi “pelo determinado *conselho*” de Deus (Atos 2:23). Ninguém fez mais nem menos do que a completa vontade de Deus. Podemos não entender este ponto, mas a verdade revelada pela Palavra de Deus pode ser maior que a nossa capacidade de entendê-la. Devemos acatá-la pela fé (Heb 11:1,6).

Mesmo que incluímos a vontade de Deus como parte da causa da salvação devemos frisar que a vontade de Deus não é a própria condenação ou a salvação mas uma parte íntegra de ambas. Há meios que Deus usa para efetuar a sua vontade e estes meios serão tratados posteriormente.

3.3. A Sua Presciência (I Pedro 1:2)

A palavra ‘presciência’ (em grego: prognosis, #4268. Usada somente em Atos 2:23 e I Pedro 1:2) não é idêntica à palavra ‘conhecer’ (em grego: proginosko, # 4267. Usada em Atos 26:5; Rom. 8:29; 11:2; I Pedro 1:20 e II Pedro 3:17) mesmo que é relatada a ela. A palavra ‘presciência’ tem mais do que um mero conhecimento prévio de fatos embutido nela. É claro que Deus conhece todas as coisas e todas as pessoas pois ele é onisciente. Todavia a palavra ‘presciência’ também tem um entendimento de preordenação ou uma preparação prévia (Thayer’s Léxico. Citado em Simmons, p. 211, Inglês). A presciência de Deus não somente conhece tudo, mas *determina* tudo em relação à salvação: O nascimento de Cristo (Gal 4:4), a morte de Cristo pelas mãos injustas (Atos 2:23; 4:28), as pessoas a serem salvas (I Pedro 1:2, “os eleitos”), o envio da mensagem a estes (Atos 18:10) e a hora que crêem (Atos 13:48). Tudo foi segundo a Sua ordenação explícita que, por sua vez, é segundo a Sua vontade que é eterna (II Tess 2:13,14; Rom. 9:15,16). É nesse sentido de preordenação, que a salvação é segundo a presciência de Deus.

Deus conhece os Seus intimamente com um amor especial e a palavra ‘presciência’ indica isso. A presciência que Deus tem do Seu próprio povo quer dizer Sua complacência peculiar e graciosa para com Seu povo” (Comentário de Jamieson, Fausset, e Brown, citado pelo Simmons, p. 241, Português). Por ter um amor especial, Deus age para com os Seus em maneiras especiais (Deut. 7:7,8; Jer 31:3; Rom. 9:9-16; I João 4:19). No sentido de preordenação, os eleitos são especialmente e intimamente amados antemão. É nessa maneira eles são determinados em I Pedro 1:2 de serem eleitos “segundo a presciência de Deus”.

Há os que determinem que a vontade eterna de Deus é baseada naquilo que vem livremente do homem: a sua vontade. Isso seria de basear a salvação divina no conhecimento anterior que Deus tem de algumas ações do homem. *Se a vontade de Deus é baseada na ação que Deus conhecia antemão que um homem faria é verdade que o conhecimento da ação do homem veio antes da própria vontade de Deus.* Mas como temos estudado, Deus é antes de todas as coisas, e, em verdade “todas as coisas subsistem por Ele” (Col. 1:17). A salvação do pecador não é baseada na vontade do homem, mas na de Deus (Efés 1:11). O novo nascimento “não vem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (João 1:13; Rom. 9:16). Por isso, quando consideramos a causa da salvação, tanta a vontade soberana e a presciência de Deus são contempladas. Os eleitos “segundo a presciência” de Deus são os que foram eleitos ‘em’ a presciência de Deus (Simmons, p. 211, Inglês). Os eleitos são chamados não segundo as suas obras, mas, “segundo o Seu próprio propósito e graça” que foi-lhes dado em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos (II Tim 1:9).

A presciência, contudo, não anula que o homem tem uma escolha na salvação. Os mandamentos de Deus para com o homem e as promessas de Deus em resposta às ações do homem confirmam que o homem tem responsabilidade pessoal. Todavia, a presciência garante que os eventos preordenados serão feitos, até mesmo pela ação livre do homem. A referência de Atos 2:23 e as múltiplas profecias sobre a vinda, vida, morte, ressurreição de Cristo, a implantação da sua igreja no mundo e os eventos que chamamos ainda de ‘futuros’ são provas que a presciência garante eventos predeterminados sem anular a ação livre do homem.

Aqueles que Deus não conheceu intimamente (Mat. 7:23) são os condenados. Devemos frisar que estes não são condenados por não serem especialmente conhecidos antemão por Deus, mas por praticarem a iniquidade. São eternamente julgados por não buscarem a justiça de Deus pela fé (Rom. 9:31-33). O inferno é para os que “não se importaram de ter conhecimento de Deus” (Rom. 1:28). A Bíblia diz claramente que “o erro dos simples os matará, e o desvario dos insensatos os destruirá” (Prov. 1:25-32). Os “entenebrecidos no entendimento” são verdadeiramente separados da vida de Deus. Essa

separação não é pela eleição, mas, biblicamente, “pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração” (Efés. 4:17-19). Os salvos são recipientes da misericórdia e da graça de Deus segundo a Sua vontade e trazidos ao arrependimento e a fé em Cristo (Jer 31:3; Rom. 9:14,15; Efés. 2:5-9). Os salvos têm somente a Deus, Seu amor e a Sua vontade para louvarem eternamente. Os não salvos não são recipientes da misericórdia e da graça especial de Deus e são condenados pelos seus pecados (Rom. 6:23). Eles somente podem culpar o seu próprio pecado pois são estes que separam-se de Deus (Isa 59:1-3). Os condenados têm somente a sua incredulidade para os acompanharem pela eternidade (João 3:18,19). Devemos lembrar-nos que o propósito da salvação, que já estudamos, não é nem a salvação ou a condenação do homem, mas a própria glória de Deus. Tanto a salvação quanto a condenação operam para este fim (Prov. 4:16). A presciência faz parte da causa da *salvação* e não da condenação.

3.4. A Soberania de Deus (Efés. 1:11)

A palavra soberania significa: 1. Qualidade de soberano. 2. Poder ou autoridade suprema de soberano. 3. Autoridade moral, *tida como suprema; poder supremo*. 4. Propriedade que tem um Estado de ser *uma ordem suprema que não deve a sua validade a nenhuma outra ordem superior*. 5. O complexo dos poderes que formam uma nação politicamente organizada (Dicionário Aurélio Eletrônico).

Quando falamos da soberania de Deus entendemos a qualidade de Deus desejar e fazer o que lhe apraz. É o exercício da Sua supremacia ou a expressão da sua santa independência. A soberania de Deus deve ser considerada como parte da causa da salvação juntamente com a sua vontade e preordenação. É a vontade soberana que é relacionada com a Sua presciência, e, é o Seu poder soberano que determina que a Sua vontade seja realizada (Isa 46:10,11, “O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade”; 55:10,11, “fará o que me apraz”; Daniel 4:35; Atos 2:23). Que Deus é tido como soberano é claro pelos versículos seguintes (Jó 23:13; Sal 115:3; 135:6; Lam 3:37,38; Isa 14:24; 45:7; Isa 46:9,10; João 19:11; Rom. 11:33-39). Deus é soberano na salvação pois Ele não é obrigado a salvar qualquer das suas criaturas rebeldes. A Sua soberania na salvação é entendida pelo Romanos 9:18, “Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer.” (Veja também Efés. 2:7-11). Deus, pelo soberania, faz o Teu povo chegar a Si (Sal 65:4) e isso, voluntariamente (Sal 110:3).

“Deus não é somente soberano, mas também é amor. Soberania isolada pode ser fria e dura. Amor isolado pode ser fraco. Deus não é frio e duro nem fraco. Ele é tanto Todo-Poderoso quanto cheio de amor. A soberania de Deus assegura que tudo que aconteça a nós é para Sua glória e o amor de Deus assegura que tudo que aconteça a nós é para o nosso bem.” (Maggie Chandler, *Leaves, Worms, Butterflies and T. U. L. I. P. S.*, p. 70)

A soberania de Deus, em relação a causa da salvação junto com a sua vontade e presciência, é um assunto que vai além do entendimento do homem. A soberania de Deus pode ser considerada uma parte daquele que é encoberto e que pertence somente ao SENHOR. Porém, aquela parte da soberania de Deus que é revelada pela Palavra de Deus, é para nós e deve ser abordada (Deut. 29:29). Mesmo assim que deve ser estudada, nem tudo revelado nas Escrituras é entendido facilmente. Há coisas para nós inescrutáveis (Jó 42:3), insondáveis (Rom. 11:33) e mais do que podemos contar (Sal 40:5). Mesmo que nunca alcançaremos os caminhos de Deus ou chegaremos à perfeição do Todo-Poderoso (Jó 11:7), toda essa glória não deve nos cegar de ter fé no que as Sagradas Escrituras revelam de Deus. O homem pode não entender tudo sobre a Deus junto com a Sua vontade, a Sua presciência e Soberania (Mat. 20:13-15), mas em nenhum instante isso justifica o homem a julgar ou replicar a Deus (Rom. 9:14-21) e nem ser ignorante do assunto. Se vamos andar da maneira reta diante de Deus, precisaremos andar pela fé com os fatos revelados (Heb 11:1,6). O assunto da soberania de Deus pede que exercitemos essa fé.

A justiça e o amor de Deus são envolvidos na salvação mas não propriamente como a causa dela. A justiça pede a condenação dos pecados (Gên. 2:7; Ezequiel 18:20; Rom. 6:23) e não a salvação. O amor de Deus é o que trouxe Cristo para ser o Salvador (João 3:16; Rom. 5:6-8), todavia estamos tratando não o ato da salvação mas a sua causa.

3.5. A Natureza da Salvação

O fato de estudarmos a salvação presume que ela existe (João 3:19). Se ela existe há uma necessidade que faz ela existir. Por ter uma doutrina da salvação é presumida a existência de iniquidade, que é a quebra de uma lei (I João 3:4; 5:17, “o pecado é iniquidade.”), e a existência de um que deu a lei, quem é Deus (João 15:22,24, “Se Eu não viera, nem lhes houvera falado, não teriam pecado...”). Tudo o que é pecado (que será estudado posteriormente) e tudo que o pecado causa é desfeito pela salvação.

A salvação é uma libertação. A salvação é libertação da culpa e impiedade do pecado juntamente das suas conseqüências eternas de rebelião contra o governo do Deus Todo-Poderoso (Cole, *Definitions*, V.II, p. 52). Sem a libertação que a salvação efetua, o pecador seria excluído eternamente da presença de Deus e para sempre exposto à Sua ira (João 3:36). O fato da salvação ser livre, substitutiva, penal e sacrificatória será tratado quando estudamos o preço pago por Cristo na salvação. Por agora entendemos que a salvação é necessária e é uma libertação.



**AULA
04**

4 - OS NECESSITADOS DA SALVAÇÃO

No relatório bíblico, somente antes do pecado, é dito que tudo que Deus fez foi considerado “muito bom” (Gên. 1:31). Depois que o homem desobedeceu o mandar de Deus de não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gên. 2:7) e comeu dela (Gên. 3:6) não se acha nada na Bíblia referendo-se ao homem como ‘bom’. Isso mostra o quanto o pecado destrua, é universal e total.

Que o homem necessita a salvação é claramente evidente por uma olhada às notícias dos acontecimentos do homem ao redor do mundo pelos meios de comunicação. Assassinatos, corrupções, ameaças, injustiças, preconceitos, mentiras, roubos, fornicções, desrespeito do seu próximo e do próprio Deus e a poluição verbal e moral são constantes de todos os povos do mundo todos os dias. A Bíblia evidencia a dimensão do pecado no homem claramente (Ezequiel 16:4,5; Isa 1:6; Rom. 3:10-18). Essa condição detestável e pecaminosa *não* é adquirida pelo ambiente ou causada pela falta de oportunidade social ou educacional, mas contrariamente, todo homem é pecador desde o ventre (Gên. 8:21, “a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice” Sal 51:5, “em iniquidade fui formado, e em pecado concebeu minha mãe.”; 58:3, “Alienam-se os ímpios desde a madre; andam errados desde que nasceram, falando mentiras; Isa 48:8, “chamado transgressor desde o ventre.”). OBS: Não é o ato de procriação que causa o pecado, nem é a relação conjugal, dentro dos seus limites bíblicos, pecaminosa, mas pela a procriação ser feita entre pecadores, o homem pecador é gerado (Rom 5:12).

O pecado destruiu *totalmente* a imagem de Deus no homem que existiu por criação especial, ao ponto do homem, *universalmente* (Rom. 3:23; 5:12), não querer ter nenhum conhecimento de Deus (João 5:40; Rom. 1:28; 3:11,18). Por isso o homem pecador é “voluntariamente” ignorante da verdade (II Pedro 3:5). A vontade do homem não foi a única parte do homem influenciada pelo pecado, mas a sua *capacidade* de agradar Deus também foi destruída (Rom. 8:8; Jer 13:23). A condição do homem pecador é tão deplorável que ele não pode vir, pelas suas próprias forças, a Cristo (João 6:44,45) e jamais, na carne, pode agradar a Deus (Rom. 8:6-8). O *entendimento* do homem foi deturpado ao ponto de ser descrito como “entenebrecido” no entendimento (Efés. 4:18; Rom. 1:21). Por isso as verdades santas e boas de Deus não são compreendidas ao homem natural e são, para ele, escandalosas e loucuras (I Cor 1:23; 2:14). A responsabilidade da condição pecaminosa do homem é do próprio homem. Ele mesmo busca muitas “astúcias” (Ecl. 7:29). Que os homens não são capacitados com desejo nem com poder para o bem em nenhuma maneira é entendido pela denominação “mortos em ofensas e pecados” (Efés. 2:1). Por isso “nenhum homem, pela sua natureza, crê que necessita Cristo. Ele está cego pelos seus morais, suas intenções, sua sinceridade, sua bondade. Ele não vê a

impiedade do seu pecado nem que o seu caso é sem esperança” (Don Chandler, citado em Leaves, Worms ..., p. 129).

O *coração* do homem, a fonte da vida (Prov. 4:23), é tão enganoso que é impossível que nem o homem conheça a sua própria perversidade (Jer 17:9). Por isso o homem é *completamente* “reprovado para toda a boa obra” (Tito 1:16) fazendo que o homem tenha inimidade contra o próprio Deus, o seu Criador (Rom. 8:7). O pecado reina *em todos os membros* (físicos, mentais, emocionais, espirituais) do homem (Rom. 7:23).

A *prova que todos os homens são pecadores* é dada pelo fato que não há ninguém que obedeça sem nenhum defeito ou omissão todos os mandamentos, e, não existe ninguém que pode manter-se puro de todo e qualquer pecado em pensamento, palavra, ação em coração e vida. Se o homem fosse tão onisciente quanto Deus, o homem declararia o que o próprio Deus declarou quando olhou desde os céus para os filhos dos homens, para ver se havia algum que tivesse entendimento e buscasse a Deus. Deus, na aquela ocasião declarou: “Desviaram-se todos e juntamente se fizeram imundos: não há quem faça o bem, não há sequer um.” (Sal 114:2,3).

A condição deplorável do pecador *não* quer dizer que ele não tem uma consciência, nem da possibilidade de exercitar a sua mente e a sua vontade ou determinar ações pelo seu raciocínio. Assim que o pecado apareceu no mundo, a consciência do homem foi ofendida (“conheceram que estavam nus”) e, sendo assim, operou segundo a sua própria deplorável determinação e lógica pecaminosa, e, em prova disso, escondeu-se de Deus. Apesar da presença do pecado e toda a sua natureza de destruição no homem, “os olhos” que enxergam a condição da alma (a consciência), não somente existiram, mas eram ativos (Gên. 3:7,8). O Apóstolo Paulo, pela inspiração do Espírito Santo, ensina que os pagãos tenham uma consciência ativa e por ela acusa suas ações ou defenda-os (Rom. 2:14,15). Veja também João 8:9 para um exemplo que o homem pecador tenha uma consciência e é capaz de agir conforme o seu raciocínio. Mesmo que existem tais qualidades (uma consciência viva), a condição deplorável do pecador influi a operação da sua consciência, da sua lógica e da sua vontade ao ponto de não buscar a Deus (Rom. 3:11), não amar a luz (João 3:19) e não compreender as coisas do Espírito de Deus (I Cor 2:14). A consciência existe mas ela é influenciada pelo que o que o homem é, um pecador.

A condição abominável do pecador *não* quer ensinar que o homem não pode fazer uma escolha livre. O homem pecador pode determinar o que ele quer escolher. Somente pelo fato do homem uniformemente preferir a iniquidade em vez do bem não quer ausentar o fato que ele tem uma escolha. O homem tem uma escolha sim e ele faz a sua escolha continuamente. *Mas devemos frisar que a mera possibilidade de fazer uma escolha não automaticamente ensina que o homem tem a capacidade necessária a fazer uma escolha santa ou aquilo que agrada a Deus.* Todos de nós temos a livre escolha de

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia